



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

ASPECTOS RELEVANTES DA CULTURA DO CRACK PARA A TRANSMISSÃO DA COVID-19 ENTRE CONSUMIDORES DA DROGA E POSSÍVEIS MEIOS DE PREVENÇÃO

Relevant aspects of the crack culture for the transmission of Covid-19 among drug users and possible means of prevention

Aspectos relevantes de la cultura del crack para la transmisión de Covid-19 entre usuarios de la droga y posibles medios de prevención

Ygor Diego Delgado Alves¹
Pedro Paulo Gomes Pereira²
Elizângela de Freitas Silva³

RESUMO

Com nosso artigo pudemos verificar, por meio da literatura acadêmica sobre a cultura do crack, a Covid-19, notícias e entrevistas publicadas na mídia e nas redes sociais, que a disposição presente entre consumidores de crack para prevenirem riscos relacionados ao consumo da droga pôde ser agenciada, no contexto da Covid-19, por ativistas e profissionais engajados na defesa da saúde dessas pessoas com a distribuição de kits de higiene, concomitante a entrega de refeições e vestimentas. O contexto proporcionado pelos hotéis remanescentes do Programa De Braços

¹ Doutor do curso de Licenciatura em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil. antropologiaygor@yahoo.com.br.

² Doutor do curso de Licenciatura em Antropologia da Universidade de Brasília, UnB, Brasil. pedropaulopereira@hotmail.com.

³ Docente do curso de Licenciatura em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, UEL, Brasil. psicoelizangela@gmail.com.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

Abertos, mesmo sem apoio da administração municipal, pode ser propício ao isolamento social contanto que esteja associado a ativistas e entidades.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19; Cracolândia; Cultura do crack; Prevenção.

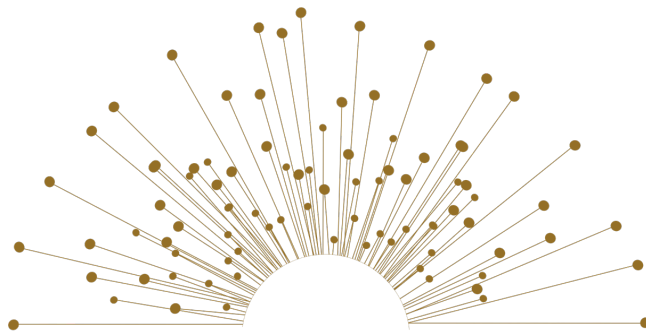
ABSTRACT

With our article we were able to verify, through academic literature on the crack culture, Covid-19, news and interviews published in the media and on social networks, that the disposition present among crack users to prevent risks related to drug use could be organized, in the context of Covid-19, by activists and professionals engaged in defending the health of these people with the distribution of hygiene kits, concomitant with the delivery of meals and clothing. The context provided by the remaining hotels of the De Braços Abertos Program, even without support from the municipal administration, can be conducive to social isolation as long as it is associated with activists and entities.

KEYWORDS: Covid-19; Cracolândia; Crack culture; Prevention.

RESUMEN

Con nuestro artículo pudimos verificar, a través de la literatura académica sobre la cultura del crack, Covid-19, noticias y entrevistas publicadas en los medios y en las redes sociales, que la disposición presente entre los usuarios de crack para prevenir riesgos relacionados con el consumo de drogas podría ser organizado, en el contexto de Covid-19, por activistas y profesionales dedicados a defender la salud de estas personas con la distribución de kits de higiene, concomitante con la entrega de comidas y ropa. El contexto proporcionado por los hoteles restantes del Programa De Braços Abertos, incluso sin el apoyo de la administración municipal, puede conducir al aislamiento social siempre que esté asociado con activistas y entidades.



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

PALABRAS CLAVE: Covid-19; Cracolândia; Cultura del crack; Prevención.

Recebido em: 31.03.2020. Aceito em: 19.04.2020. Publicado em: 30.05.2020.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

INTRODUÇÃO

O artigo descreve alguns aspectos que consideramos relevantes da cultura do crack para a prevenção da Covid-19. O País vem atravessando um sério período em que a doença se propaga principalmente entre suas camadas mais empobrecidas (PIRES, 2020), dentre as quais destacamos as pessoas que fazem uso do crack nas milhares de cenas de uso brasileiras (BASTOS & BERTONI, 2014). Embora acreditemos que o estudo apresentado seja fundamental para a compreensão de mais esse risco ao qual os usuários de crack estão sendo expostos, o de serem contaminados pelo novo coronavírus (GORBALENYA et al., 2020), ainda somos pioneiros em tratar o assunto em artigo acadêmico.

Sabemos pela literatura pertinente ao tema que o uso do crack pode ser uma atividade socializadora (MALHEIRO, 2013), com uma cultura própria responsiva aos controles sociais formais impostos pelos agentes do Estado. Na Cracolândia paulistana existe uma grande e perene aglomeração de consumidores de crack e bebidas alcoólicas conhecida como “fluxo”, onde se pode também, no interior da cena de uso ou nas imediações, obter fundos para aquisição da droga além de proteção e companhia.

Os consumidores de crack frequentam a Cracolândia também motivados pelo desejo de reduzirem o risco de serem vítimas de violência policial ou de serem agredidos na rua (██████████). Em Juazeiro, na Bahia, as pessoas que fumam crack tomam diversas medidas no sentido de reduzirem os riscos de sua atividade como se alimentarem e não utilizarem itens descartados no lixo para confecção de cachimbos.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

A viabilidade de possuir o próprio cachimbo e de não ser obrigado a compartilhar está ligada a maior ou menor repressão policial (SILVEIRA & RODRIGUES, 2013).

A Covid-19 é causada pelo coronavírus 2 ou novo coronavírus (GORBALENYA et al., 2020) e se difunde entre humanos por meio de gotículas produzidas nas conversas, tosses, espirros, e pelo contato próximo entre indivíduos. O tempo de incubação, entre a exposição ao vírus e o início dos sintomas, é de cinco dias, mas pode variar de 2 a 14 dias (ROTHAN & BYRAREDDY, 2020). Lavar frequentemente as mãos com água e sabão ou desinfetá-las com álcool gel antes de tocar na boca, nariz ou olhos é um dos principais procedimentos para prevenir a transmissão da Covid-19 (CDC, 2020). Poderíamos acrescentar as medidas de distanciamento social e isolamento voluntário, porém tomando o cuidado de considerar o caráter gregário presente na cultura do crack nas cenas abertas de uso.

As cenas abertas de uso do crack são evidências de seu consumo coletivo, seja em grupos de seis a oito pessoas em uma feira-livre (SILVEIRA & RODRIGUES, 2013) ou em aglomerações com centenas de usuários, como é o caso do “fluxo” da cracolândia paulistana (██████████, 2014; NASSER, 2018). Nessas cenas a troca é elemento fundamental de inclusão e exclusão de indivíduos na comunidade de usuários de drogas através de uma economia moral das trocas (BOURGOIS; SCHONBERG, 2009). A valorização das trocas é um aspecto desafiador da cultura do crack para a prevenção da transmissão da Covid-19.

Além das trocas, o movimento e a circulação são dimensões importantes na vida dos usuários de crack. Importante observarmos que essas pessoas muitas vezes circulam pela cidade e, ao percorrerem determinados circuitos, interagem em certo



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

espaço que é produto da prática social acumulada pelos atores e também fator de determinação dessas práticas (MAGNANI, 2005). O consumo do crack no “fluxo” permite viver um cotidiano repleto de gestos codificados, práticas e condutas no interior de certo estilo de vida comunitário com suas escolhas diárias e valores subjacentes. A “maloca” feita de lona, a “caminhada” pela cidade e as trocas no “fluxo” compõem o cenário em que se desenvolverá a trama da Covid-19 entre essas pessoas, num enredo que engloba certos ativistas em defesa dos direitos e do bem estar dos consumidores de crack nas ruas.

Com a chegada da pandemia, uma das principais ativistas presentes na Cracolândia, a assistente social Carmen Lopes, passou a buscar respostas para a escassez de alimentos no “fluxo” e a pedir, nas redes sociais, alimentos que pudessem ser doados pelo Coletivo Tem Sentimento (doravante CTS). Foram montados 1500 kits de higiene, o masculino com sabonete, álcool em gel, escova e pasta de dentes, aparelho de barbear e máscara. Ao kit feminino se acrescentou absorvente íntimo, que juntamente com itens de vestuário, calças, camisetas e galochas, foram distribuídos na Cracolândia. A distribuição desses kits, majoritariamente por mulheres, juntamente com as refeições, passaria a se tornar uma constante. Ações como essas, aparentemente, trouxeram mudanças na prevenção da Covid-19 entre usuários de crack, porém, ainda estão distantes do isolamento social possível apenas com políticas públicas como foi o Programa De Braços Abertos (doravante DBA).

O isolamento social das pessoas que frequentam a Cracolândia e outras cenas abertas de uso do crack parece algo difícil se não considerarmos medidas alternativas. O Programa DBA foi um programa municipal que, em janeiro de 2014,



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

retirou essas pessoas da rua e as hospedou em quartos de hotéis da região. Teixeira, Lacerda and Ribeiro (2018) mostram como apesar de a oferta de moradia ser uma grande potencialidade do DBA, ela também foi uma das suas maiores fragilidades devido a essa oferta ser em quartos coletivos, sem infraestrutura adequada e muito próximas ao “fluxo”. Assim, um dos principais desafios identificados pela gestão municipal à época foi a necessidade de melhorar a estrutura dessas moradias, visando investir em hotéis mais distantes do “fluxo” e com quartos individuais ou duplos. Essa alocação dos beneficiários do DBA em quartos fixos, geralmente com no máximo quatro ocupantes, diferenciava os hotéis do programa dos Centros de Acolhida da prefeitura, em que as pessoas passam a noite em dormitórios imensos, para dezenas de abrigados, e com seus pertences guardados em armários fora desses dormitórios. Havia um discurso constante entre os técnicos de que o hotel deveria, para os beneficiários, se assemelhar ao máximo com um lar.

Ao considerarmos a cultura do crack que compreende as técnicas de uso, regras e valores, levamos também em consideração, para um desenho mais abrangente da ideia de contexto social, as práticas de solidariedade e políticas públicas inovadoras que se formam em torno dessas pessoas. Nosso objetivo foi verificar como a preocupação com a prevenção de riscos existente entre os consumidores de crack pôde ser agenciada, na prevenção da Covid-19, por uma militância em prol da saúde dos usuários dessa substância, tanto no ambiente da rua quanto nos hotéis remanescentes do Programa De Braços Abertos.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

Metodologia

Para a elaboração do artigo nos valem da literatura acadêmica sobre a cultura do crack, a Covid-19 e a respeito de políticas públicas como o Programa De Braços Abertos. Pesquisamos também, por meio de notícias e entrevistas publicadas na mídia e nas redes sociais, o trabalho que ativistas vêm desenvolvendo na Cracolândia paulistana. Finalmente, entrevistamos a última técnica remanescente do DBA que ainda trabalha nos hotéis próximos ao “fluxo” de usuários de crack.

A cultura do uso crack

Ao empreender um estudo etnográfico sobre consumidores de crack no centro histórico de Salvador, a antropóloga Luana Malheiro (2013) se debruçou sobre as características mais marcantes do consumo do crack como atividade socializadora, entre pessoas excluídas dos meios formais de sociabilidade e que são levadas a constituir seus próprios modos informais de convívio social em torno da droga. As cenas abertas de uso seriam locais onde essa convivência ensejaria certa padronização cultural que pode compreender: 1) a parafernália de uso; 2) técnicas de consumo da droga; 3) tecnologias de abrigo; 4) valores, regras e rituais. São elementos profundamente ligados, até como forma de resposta, aos chamados controles sociais (ZINBERG, 1984) formais impostos pelos regulamentos oficiais e pela ação de agentes do Estado. Portanto, elementos da cultura do crack em certa



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

cena aberta de uso da droga podem variar segundo o comportamento do poder público em relação aos frequentadores do local. Atitudes mais repressivas poderiam ter por consequência que os usuários de crack se aglomerassem ainda mais em seus abrigos, as malocas que no caso paulistano muitas vezes são feitas de lona, em busca de proteção e acobertamento.

A depender das características de cada “território psicotrópico”, que é como Fernandes e Pinto (2006), a grosso modo, caracterizam os locais que atraem pessoas interessadas em comprar e consumir drogas; ambiente por vezes capaz de concentrar no mesmo espaço a aquisição, o consumo e até a obtenção de fundos para compra da droga. Características que podem facilitar a concentração de pessoas por longo tempo e em espaço diminuto, como na aglomeração perene, porém, itinerante de centenas de usuários de crack conhecida como “fluxo” da Cracolândia. Na etnografia de Luana Malheiro (2013) os locais no centro histórico de Salvador, de aquisição da droga, de consumo e de obtenção de fundos são distintos. Sabemos o quanto obtenção de fundos para aquisição do crack foi prejudicada com a Covid-19. A venda de material reciclado, principalmente de latas de alumínio, foi seriamente desvalorizada pela diminuição do preço de venda do quilo desse material que passou de R\$3,40 para R\$1,00, na cidade de São Paulo. A venda de água nos faróis também foi prejudicada (GERAÇÃO P, 2020).

Compreendemos que as consequências do consumo de drogas costumam variar quanto a quantidade utilizada e a frequência com que são consumidas, e que o contexto social desempenha papel chave no que se chama padrão de uso (MACRAE, 2001). O padrão de uso do crack pode variar de compulsivo até controlado (OLIVEIRA



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

& NAPPO, 2008) a depender da interação entre a droga, o propósito de uso, o corpo do usuário e o contexto social. Dessa forma, uma pessoa em situação de rua (DA SILVA, 2005) na cidade de São Paulo pode encontrar no ambiente proporcionado pela Cracolândia, um espaço de convivência e sociabilidade capaz de atender seu propósito de não permanecer sozinho e desprotegido na cidade. No contexto social ali existente, através de um circuito de trocas de favores e coisas vinculados à prática da “treta” (██████████), também poderá obter a quantidade de pedras de crack necessária para permanecer acordada muitos dias, fazendo uso com maior frequência quanto mais seu corpo for se cansando com o passar do tempo. Seu padrão de uso, nesse caso, seria do tipo *binge*, provocado pela fissura, um forte impulso para utilizar uma substância, “e pode durar dias até que o suprimento de droga termine, ou que haja a exaustão do usuário” (CHAVES, et. al., 2011, p. 1169).

No decorrer dos dias sem dormir, o cuidado com as regras e as técnicas de uso voltadas a lidar com os riscos decorrentes do consumo da droga pode arrefecer, como a regra que preconiza o não compartilhamento do cachimbo de fumar crack, e a técnica de esquentar o local onde se coloca a boca no cachimbo para desinfecção em caso deste vir a ser compartilhado. Importante ressaltarmos que as práticas de autocuidado na Cracolândia paulistana são dificultadas pelo fato de o “padrão predominante de uso de crack ser de tipo *binge*” (RAUPP & ADORNO, 2010, p. 33).

Em Juazeiro, no Estado da Bahia, o compartilhamento de cachimbos é a regra na cena aberta de uso de álcool e outras drogas, como o crack, descrita por Silveira & Rodrigues (2013). No contexto pesquisado pelas autoras a utilização do crack era feita coletivamente, em grupos com “cerca de três ou seis pessoas, no máximo,



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

dividindo tanto a substância quando os instrumentos para a sua utilização” (op. cit., p. 111). O compartilhamento de cachimbos é um comportamento ali motivado pelo fato de poucos usuários se disporem a carregar esse item da parafernália de uso, com medo de serem revistados pela polícia e vítimas de violência caso flagrados com um objeto ligado a uma prática delitiva. Com intuito de reduzirem o risco de serem vítimas da violência policial, os usuários de crack de Juazeiro/BA acabam não portando seu próprio cachimbo e se expõem aos riscos de contaminação.

Na Cracolândia paulistana, descrita em [REDACTED]), o compartilhamento de cachimbos não é a regra, e o motivo seria a ampla disponibilidade de itens da parafernália de uso disponível naquele contexto, além da relativa segurança proporcionado pelo consumo da droga no interior de uma aglomeração humana de centenas de pessoas, o “fluxo”. A segurança proporcionada pelas malocas construídas no interior do “fluxo” permitiria a aquisição de itens da parafernália, a elaboração de cachimbos e seu constante reajuste às mudanças operadas no corpo durante o *binge*.

Para reduzir riscos e danos à saúde os usuários de crack de Juazeiro/BA (Silveira & Rodrigues, 2013), de modo espontâneo: 1) utilizam preservativos para evitar exposição às Doenças Sexualmente Transmissíveis; 2) procuram se alimentar para evitar o risco de overdose; 3) buscam ajustar o cachimbo para evitar aspiração da cinza de cigarro utilizada na queima da pedra de crack; 4) evitam retirar itens da parafernália do lixo. São práticas de autocuidado que atestam o interesse na redução de riscos, que poderia ser fomentado em tempos de Covid-19, principalmente pela diminuição da repressão policial que inibe a posse do cachimbo individual. A



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

possibilidade de portar o próprio cachimbo será importante na prevenção da Covid-19.

A cultura do crack e a transmissão da Covid-19

A Covid-19 é causada pelo coronavírus 2 ou novo coronavírus (GORBALENYA et al., 2020), que, de acordo com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), é de fácil e sustentada difusão entre humanos por meio de gotículas produzidas nas conversas, tosses e espirros, e o contato próximo entre indivíduos. A pessoa infectada pode transmitir a Covid-19, geralmente, nos três primeiros dias após o início dos sintomas, mas a propagação pode ocorrer, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), antes mesmo do seu aparecimento e também em estágios posteriores da doença (OMS, 2020). O tempo de incubação, entre a exposição ao vírus e o início dos sintomas, é de cinco dias, mas pode variar de 2 a 14 dias (ROTHAN & BYRAREDDY, 2020).

As cenas abertas de uso do crack são evidências de seu consumo coletivo, seja em grupos de seis a oito pessoas em uma feira-livre (SILVEIRA & RODRIGUES, 2013) ou em aglomerações com centenas de usuários, como é o caso do "fluxo" da cracolândia paulistana (██████████, 2014; NASSER, 2018). A *Pesquisa nacional sobre o uso do crack*, publicada em 2014, pela FIOCRUZ, mapeou 5.686 cenas abertas de uso do crack em todo o País. São ambientes, por vezes, de grande densidade social, com encontros frequentes em que acontecem uma infinidade de conversas e trocas



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

de objetos. Relações que não precisam acontecer somente a céu aberto, mas que podem se dar no interior das “malocas” de lona, que costumam abrigar os frequentadores dessas cenas dos raios mais intensos de sol, da chuva, do frio e do olhar ou intromissão indesejada. Nesse ambiente que a epidemia da Covid-19 é vivenciada e onde terão de ser implementadas medidas de prevenção ao contágio.

Lavar frequentemente as mãos com água e sabão ou desinfetá-las com álcool gel antes de tocar na boca, nariz ou olhos é um dos principais procedimentos para prevenir a transmissão da Covid-19 (CDC, 2020). A essa medida se somam a limpeza de superfícies com etanol, o uso de máscaras e a cobertura do nariz e boca com o cotovelo ao tossir ou espirrar (OMS, 2020). Poderíamos acrescentar as medidas de distanciamento social e isolamento voluntário, porém tomando o cuidado de considerar o caráter gregário presente na cultura do crack nas cenas abertas de uso.

Compartilhar bebida alcoólica e crack é parte importante da cultura de uso dessa droga em diferentes localidades no País, como: Capital e Meio-Oeste catarinenses (ZEFERINO, et. al., 2017); Juazeiro (SILVEIRA & RODRIGUES, 2013) e Salvador (MALHEIRO, 2013) na Bahia; Fortaleza no Ceará (PINTO, et. al., 2016b); e em São Paulo/Capital (██████████). Porém, é com o compartilhamento do cachimbo onde se fuma a droga que pode haver contaminação por hepatite C (Sá, 2013) e mesmo HIV (PINTO, et. al., 2016a), dado que o contato com a superfície aquecida, no momento de fumar crack, pode ocasionar queimaduras que em pouco tempo se transformam em feridas com sangue (CALIL, 2018).

A troca é, portanto, elemento fundamental de inclusão e exclusão de indivíduos na comunidade de usuários de drogas e foi amplamente debatida em



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

pesquisa com consumidores de heroína nos Estados Unidos. Os antropólogos detectaram que a comunidade de usuários se mantinha através de uma economia moral das trocas (BOURGOIS; SCHONBERG, 2009), esta economia os envolvia em uma rede de relações mútuas e definiam os limites da comunidade. Ou seja, faz parte quem troca. Não trocar é ser antissocial e arriscar-se a ser levado ao ostracismo. A valorização das trocas é um aspecto desafiador da cultura do crack para a prevenção da transmissão da Covid-19, podem se dar no interior da cena de uso e também nos trajetos e circuitos frequentados pelos usuários de crack.

Na caminhada: circuitos e trajetos de usuários de crack

O movimento e a circulação são dimensões importantes na vida dos usuários de crack da maior cena aberta de uso da droga no País, a Cracolândia. Fromm (2017, p. 13) observa como a expressão “Fazer um corre” serve como termo de referência da “luta pela sobrevivência” nesse local. A mesma expressão também pode relacionar-se, na cidade de Salvador/BA, ao “comportamento de busca a qualquer custo do crack” por consumidoras mulheres recém chegadas à rua (MALHEIRO, 2019).

Importante observarmos que os usuários de crack muitas vezes circulam pela cidade e, ao percorrerem determinados circuitos, interagem com pessoas em certo espaço que é produto da prática social acumulada pelos atores e também fator de determinação dessas práticas (MAGNANI, 2005). O que faz com que tenhamos de nos deter um pouco mais nas possibilidades abertas quando seguimos os movimentos e



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

percursos em torno do consumo da droga, o “fluxo”. A vida cotidiana dos craqueiros, como qualquer vida, é experimental (INGOLD, 2015). A experiência com o uso do crack não se limita aos períodos iniciais de consumo da substância. Quando começam no crack, o fazem, geralmente, acompanhados por pessoas mais experientes. Sua “caminhada” (██████████), no sentido de caminho de vida, é marcada por mudanças. Cada nova experiência de uso, mesmo que da mesma droga, traz algo de novo: um corpo que envelheceu ou que se encontra pouco mais ou pouco menos cansado.

O consumo do crack no “fluxo” permite viver um cotidiano repleto de gestos codificados, práticas e condutas no interior de certo estilo de vida comunitário com suas escolhas diárias e valores subjacentes. Não se busca apenas os efeitos de uma droga, em “relação direta com o contexto mais global da experiência” (Xiberras, 1989: 23), mas, estar na presença de outros, entre pares. Existe um propósito de convívio que atravessa o efeito.

Voltemos à “caminhada”, expressão que diz respeito à viagem do andarilho pela cidade, o mesmo termo se refere à vida de cada um: sua “caminhada”. Também pode aludir a um conjunto de instruções para execução de tarefa qualquer para a qual se faz necessário “passar a caminhada”. Ideias diferentes são expressas num único termo. A “caminhada” como percurso ao longo do qual se viaja pela cidade, e como trilha ao longo da qual a vida é vivida. Assim ocorre ainda aos materiais e objetos, com suas sendas de movimento e crescimento que, todos juntos, compreendem a textura do mundo da vida. O craqueiro e seus “parças”, como as amizades feitas na rua costumam ser nomeadas, não se distinguem de sua “caminhada”, nem de suas relações estendidas ao longo de múltiplas trilhas



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

entrelaçadas no ambiente de emaranhamento (INGOLD, 2015). A “caminhada” é uma forma de habitar o mundo, de costurar a própria linha de vida e contribuir na sua trama em constante evolução na cidade.

Ao habitar o mundo a pessoa que está na rua e fuma crack muitas vezes repousa o corpo em uma maloca. Do concreto surgem estas protuberâncias e na calçada ligam-se substâncias com o meio, numa zona de mistura e entrelaçamento de plásticos, cobertores, madeira, papelão, carrinhos de bebê, entre muitos outros objetos e materiais, todos vivendo na cidade em permeabilidade mútua e vinculante. Por isso, o craqueiro liga-se ao transeunte pelo cheiro que, muitas vezes, tenta disfarçar. Em breve entrevista concedida em 10 de maio de 2020, em uma filmagem na praça Princesa Isabel ao lado do “fluxo”, à assistente social Carmen Lopes (2020c), um morador da Cracolândia, ao ser questionado a respeito da visão negativa que se tem do “maloqueiro”, assim resumiu o que vem a ser uma maloca:

Maloca é um agrupamento de pessoas que moram na rua. Abreviando: moradores sem custos de vida, financeiramente falando, e não, ladrões. Então abrange, a maloca abrange pessoas que são psicologicamente abaladas, então elas acabam se envolvendo com a bebida e dentre outras coisas mais. Mas isso não significa que são maloqueiros.

O agrupamento de pessoas exibido no vídeo possui em torno de dez malocas, alguns bancos, colchões, cobertores, utensílios de cozinha e um grande varal com roupas penduradas. Todo o conjunto se encontra sob a sombra de árvores de grande porte e sobre o chão batido com poucos sinais de grama. As observações do entrevistado de Carmen sobre o abalo psicológico dos ocupantes das malocas de



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

certa forma corroboram trabalhos como o de Botti et. al. (2010) que detectou a prevalência de depressão entre homens adultos em situação de rua na cidade de Belo Horizonte. A maloca, a caminhada e as trocas no “fluxo” compõem o cenário em que se desenvolverá a trama da Covid-19 entre essas pessoas, mas ativistas como Carmen Lopes podem ser fundamentais no desenrolar desse enredo.

A prevenção da transmissão da Covid-19 dos usuários de crack que estão em cenas abertas de consumo da droga

Fundado em janeiro de 2016, o Coletivo Tem Sentimento (CTS) contava apenas com o trabalho voluntário da assistente social Carmen Lopes que passou a desenvolver atividades no largo General Osório, distante 500 metros, 6 minutos a pé, da antiga tenda do Programa De Braços Abertos (doravante DBA), onde Carmen iniciou, ainda como estudante, sua carreira de assistente social. São atividades voltadas ao que Carmen chama de autocuidado, que atentam para os cabelos, unhas, rosto e pés de mulheres cis e trans. Em pouco tempo viram a necessidade de geração de renda para as participantes que se uniam em torno dessas oficinas, aos sábados pela manhã. Assim uma outra oficina foi criada e a chamaram de moda justa. Com máquinas de costura doadas e ocupando um andar inteiro de um edifício abandonado, ao lado do Teatro de Container, pertencente a Companhia Mungunzá, foi possível iniciar trabalhos de corte, costura, customização e artesanato.

Com a chegada da pandemia, a oficina de auto cuidado do largo General Osório precisou ser interrompida, mas Carmen Lopes passou a buscar respostas para



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

a escassez de alimentos no “fluxo”, e passa a pedir, nas redes sociais, alimentos que possam ser doados pelo Coletivo (LOPES, 2020). Dois dias após esse apelo, em 27 de março, centenas de quilos de alimentos orgânicos são levados por voluntários à sede da Cia Pessoal do Faroeste, localizada na rua do triunfo, 301, em frente ao largo Gen. Osório, para serem retirados por famílias de pensões do entorno do “fluxo”, prostitutas e travestis que também tiveram acesso a itens de higiene pessoal. Essa distribuição de alimentos e artigos de higiene se iniciou numa sexta-feira, na terça-feira subsequente o CTS distribuía as primeiras refeições aos moradores de rua e usuários de crack da praça Princesa Isabel. No dia seguinte, o mesmo Coletivo em parceria com: 1) Pagode na Lata, um projeto com a proposta de promover a redução de danos através da arte, formado por ex-trabalhadores da Cracolândia; 2) Paulestinos, dupla de artistas gráficos que trabalham com lambe-lambe nos postes e muros da cidade; e 3) Makers Contra a Covid-19, um grupo, inspirado nas experiências chinesa e italiana, dedicado a imprimir equipamentos de segurança como as Máscaras Faciais de Proteção para uso profissional; fez outra ação no território da Cracolândia, em que foram “[...]distribuídos cerca de 400 garrafas de água, 250 kits de higiene e garrafas com água potável e detergente para higienização das mãos da população que vive e mora na rua” (LOPES, 2020b).

Nos dias que se seguem até a conclusão desse artigo, as ações continuam e, por vezes sofrem repressão policial, No dia 23 de abril, em Lemes (2020), é feita uma denúncia sobre os ataques com bombas de gás lacrimogêneo da Polícia Militar contra os frequentadores da Cracolândia, durante a distribuição de comida, que comumente é realizada por algumas organizações da sociedade civil, na hora do almoço. Em



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

meados do mês de maio, o CTS passa a produzir máscaras para prevenção da transmissão da Covid-19, sacolas para as pessoas da rua carregarem seus cobertores, indispensáveis no inverno, assim como tocas e gorros como meio de geração de renda. As máscaras, feitas com tecido doado pelo Projeto Vida (GERAÇÃO P, 2020) e duas máquinas de costura doadas pelo Instituto C&A, são enviadas pelo correio e também adquiridas por pessoas e entidades como a Associação Rede Rua. Além disso, no horário da distribuição das refeições, que passou a ser diária e com apoio da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, começam também a distribuir máscaras doadas por entidades parceiras como a Casa do Povo, um centro cultural localizado a cerca de dez quarteirões do “fluxo”, no bairro do Bom Retiro. Foram montados 1500 kits de higiene, o masculino com sabonete, álcool em gel, escova de dentes, pasta de dentes, aparelho de barbear e máscara. No kit feminino se acrescentou absorvente íntimo, que juntamente com itens de vestuário, calças, camisetas e galochas, foram distribuídos na Cracolândia. A distribuição desses kits, majoritariamente por mulheres, juntamente com as refeições, passaria a se tornar uma constante. A distribuição maciça de kits, além do trabalho de conscientização fez com que a assistente social Carmen Lopes, em entrevista ao *podcast* Geração P (2020), pudesse afirmar que era mais comum ver moradores de rua com máscaras que os demais habitantes do bairro. Suas ações trouxeram, aparentemente, mudanças na prevenção da Covid-19 entre usuários de crack, porém, ainda estão distantes do isolamento social, possível apenas com políticas públicas como foi o DBA.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

O isolamento social dos usuários de crack que estão em cenas abertas de consumo da droga

O isolamento social das pessoas que frequentam a Cracolândia parece algo difícil se não considerarmos medidas alternativas. O Programa DBA foi um programa municipal que, em janeiro de 2014, retirou essas pessoas da rua e as hospedou em quartos de hotéis da região. Foi um programa destinado ao atendimento das demandas levantadas, durante o ano de 2013, entre as pessoas que residiam na rua e consumiam crack na Cracolândia. Sem precisar abandonar o uso do crack e hospedados em hotéis da região os, agora, ex-moradores de rua tinham alimentação correspondente a três refeições diárias e cursos de capacitação ofertados a partir de aptidões e demandas dos beneficiários do programa. Alguns hotéis, particularmente os localizados mais longe do “fluxo”, abrigavam famílias: casais com crianças ou mulheres com seus filhos. Casais sem filhos e pessoas solteiras costumavam dividir os mesmos hotéis, mas não os mesmos quartos, os casais frequentemente eram alocados em ambientes separados. Mulheres solteiras ficavam em quartos com outras mulheres, e o mesmo valia para os homens solteiros. Casais sem filhos e com mulheres grávidas também habitavam esses hotéis com solteiros, mas em quartos separados, assim que a criança nascesse eram transferidos e passavam a morar junto com outras famílias. A proximidade com o “fluxo” era a justificativa para a transferência das famílias.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

Teixeira, Lacerda and Ribeiro (2018) mostram como apesar de a oferta de moradia ser uma grande potencialidade do DBA, ela também foi uma das suas maiores fragilidades devido a essa oferta ser em quartos coletivos, sem infraestrutura adequada e muito próximas ao “fluxo”. Assim, um dos principais desafios identificados pela gestão municipal à época foi a necessidade de melhorar a estrutura dessas moradias, visando investir em hotéis mais distantes do “fluxo” e com quartos individuais ou duplos.

Os quartos eram ocupados de modo fixo, uma vez que alguém fosse alocado em um quarto deveria permanecer lá, até ser transferido para um hotel mais distante da cena de uso, que servia como “porta de saída”, como gostavam de dizer os técnicos, do DBA (██████████). Ao sair do programa as pessoas muitas vezes retornavam à família de origem ou, uma vez empregadas e recebendo salário, conseguiam alugar um quarto ou casa por conta própria. Essa alocação dos beneficiários do DBA em quartos fixos, geralmente com no máximo quatro ocupantes, diferenciava o programa dos Centros de Acolhida da prefeitura, em que as pessoas passam a noite em dormitórios imensos, para dezenas de abrigados, e com seus pertences guardados em armários fora desses dormitórios. Os animais domésticos, cães e gatos, também costumavam ser aceitos nos hotéis e permaneciam nos quartos de seus donos. Havia um discurso constante entre os técnicos de que o hotel deveria, para os beneficiários, se assemelhar ao máximo com um lar.

Em um dos hotéis que abrigam os antigos beneficiários do programa De Braços Abertos, localizado próximo a Cracolândia, uma técnica que ali trabalha desde o ano de 2016, ao nos relatar, no final do mês de maio de 2020, a deterioração das



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

condições de atendimento das pessoas que lá residem, afirmou que: “Agora na pandemia, nós estamos sendo assistidos, em relação ao cuidado com os moradores, predominantemente por doações[...]”. São as mesmas distribuídas por Carmen e seu Coletivo Tem Sentimento. Portanto, o ambiente do hotel aparenta ser propício ao isolamento, na medida em que chega a abrigar famílias em um cômodo exclusivo, com seus pertences e até mesmo animais.

Conclusão

Após ressaltarmos alguns aspectos da cultura do crack como os cuidados quanto ao compartilhamento da parafernália de uso, particularmente do cachimbo, observamos o papel da repressão policial em dificultar a prevenção de riscos por parte dessas pessoas. Vimos o quanto essa cultura é marcada pelo movimento através de circuitos na cidade e pela troca constante. No contexto paulistano, a prevenção a transmissão da Covid-19 vem sendo feita, por ativistas e instituições, com a distribuição de kits de higiene, alimento e vestuário. O costume de se valerem de malocas para acobertamento da atividade delituosa de consumir crack, além de se protegerem das intempéries do clima, constitui mais um desafio para o necessário distanciamento social demandado pela pandemia.

Com nosso artigo pudemos verificar que a disposição presente entre consumidores de crack para prevenirem riscos relacionados ao consumo da droga pôde ser agenciada, no contexto da Covid-19, por ativistas e profissionais engajados na defesa da saúde dessas pessoas com a distribuição de kits de higiene, concomitante a entrega de refeições e vestimentas. O contexto proporcionado pelos



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

hotéis remanescentes do Programa De Braços Abertos, mesmo sem apoio da administração municipal, pode ser propício ao isolamento social contanto que esteja associado a ativistas e entidades que supram as necessidades quanto a materiais de higiene e alimentação.

Referências

BASTOS, F. I. & BERTONI, N. (Orgs.). **Pesquisa nacional sobre o uso de crack: Quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? Quantos são nas capitais brasileiras?** Rio de Janeiro, RJ: ICIT/ FIOCRUZ, 2014.

BOTTI, Nadja Cristiane Lappann et al. Prevalência de depressão entre homens adultos em situação de rua em Belo Horizonte. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 59, n. 1, p. 10-16, 2010.

BOURGOIS, P. & SCHONBERG, J. **Righteous dopefiends**. Los Angeles: University of California Press, 2009.

CALIL, Thiago Godoi. Escuta, Respeito e Cumplicidade na busca. In: SURJUS, L. T.; PUPO, J. L.; GUERRERO, A. V. (Orgs.). **Drogas e direitos humanos: Protagonismo, Educação entre Pares e Redução de Danos**, 2018, p. 25 - 31.

CDC. **Coronavirus Disease 2019 (COVID-19): how easily the virus spreads**. USA, 2020. Disponível em: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/prevent-getting-sick/how-covidspreads.html>. Acesso em: 16 jun. 2020.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

CHAVES, Tharcila V. et al. Fissura por crack: comportamentos e estratégias de controle de usuários e ex-usuários. **Revista de Saúde Pública**, v. 45, p. 1168-1175, 2011.

DA SILVA ROSA, Anderson; CAVICCHIOLI, Maria Gabriela Secco; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. O processo saúde-doença-cuidado e a população em situação de rua. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 13, n. 4, p. 576-582, 2005.

FERNANDES, L.; PINTO, M. **El Espacio Urbano como Dispositivo de Control Social: Territorios Psicotrópicos y Políticas de la Ciudad**, Monografías Humanitas, 2006.

FROMM, Deborah. Percursos e refúgios urbanos. Notas sobre a circulação de usuários de crack pela trama institucional da Cracolândia de São Paulo. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 21, 2017.

GERAÇÃO P. Geração P#12: A assistente social que promove ações contra covid-19 nas ruas de SP. São Paulo, 13 jun. 2020. **UOL Notícias**. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/videos/2020/06/13/geracao-p12-a-assistente-social-que-promove-acoes-contracovid-19-nas-ruas-de-sp.htm?fbclid=IwAR09YG7BwfUJ_1u2iKo98AnLM8JJPw1y3Qz_wRT4-17azaznRlviryUB6fY Acesso em: 23 jun. 2020.

GORBALENYA, A. E. et al. The species Severe acute respiratory syndrome-related coronavirus: classifying 2019-nCoV and naming it SARS-CoV-2. **Nature Microbiology**, 5, n.4, p. 536-544, 2020.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, [2011] (2015).

LOPES, Carmen. Para as pessoas que tem me perguntado sobre o território da cracolândia. São Paulo, 25 mar. 2020. **Facebook: Carmen Lopes**. Disponível em: <https://www.facebook.com/carmen.lopes.7547> Acesso em: 29 maio 2020.

LOPES, Carmen. Ação no território da cracolândia hoje!! São Paulo, 1 abr. 2020b. **Facebook: Carmen Lopes**. Disponível em: <https://www.facebook.com/carmen.lopes.7547> Acesso em: 29 maio 2020.

LOPES, Carmen. Sem título. São Paulo, 10 maio 2020c. **Facebook: Coletivo Tem Sentimento**. Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivotemsentimento/posts/444769133039081> Acesso em: 23 jun. 2020.

MACRAE, Edward. Antropologia: Aspectos sociais, culturais e ritualísticos. In: SEIBEL, Sérgio Dario; TOSCANO JÚNIOR, Alfredo, **Dependência de drogas**, São Paulo: Editora Atheneu, 2001. p. 25-34.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, Nov. 2005.

MALHEIRO, L.S.B. Entre sacizeiro, usuário e patrão: um estudo etnográfico sobre consumidores de crack no centro histórico de Salvador. In: MACRAE, E.; TAVARES, LA.; NUÑEZ, ME. (orgs). **Crack: contextos, padrões e propósitos de uso**. Salvador: EDUFBA, 2013, pp. 223-314. Drogas: clínica e cultura collection. ISBN 978-85-232-1171-4. Available from SciELO Books.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2595-7341.2020v3n2p101>

MALHEIRO, L. **Tornar-se mulher usuária de crack: trajetória de vida, cultura de uso e políticas sobre drogas no centro de Salvador - BA.** 2019. Dissertação de mestrado – UFBA. 2019.

NASSER, Marina Mattar Soukef. Entre a ameaça e a proteção: categorias, práticas e efeitos de uma política de inclusão na Cracolândia de São Paulo. **Horizontes Antropológicos**, n. 50, p. 243-270, 2018.

OLIVEIRA, L. R., & NAPPO, A. S. Caracterização da cultura de crack na cidade de São Paulo: padrão de uso controlado. **Revista de Saúde Pública**, 42 (4), 2008. p. 664-671.

OMS. Coronavirus disease 2019 (COVID-19): **Situation Report – 73.** 2020. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200402-sitrep-73-covid-19.pdf?sfvrsn=5ae25bc7_4. Acesso em: 16 jun. 2020.

PINTO, Agnes Caroline Souza et al. Conhecimento de homens jovens usuários de crack perante o HIV/Knowledge of young male crack users on HIV. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 15, n. 2, p. 350-357, 2016a.

PINTO, Agnes Caroline Souza et al. Educação em Saúde na prevenção do HIV/AIDS com homens jovens usuários de crack. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 25, n. 3, 2016b.

PIRES, Luiza Nassif; CARVALHO, Laura; XAVIER, Laura de Lima. **COVID-19 e desigualdade: a distribuição dos fatores de risco no Brasil.** 1-3. 2020. Disponível



ISSN nº 2595-7341

Vol. 3, n. 2, Maio-Agosto, 2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2595-7341.2020v3n2p101>

em https://www.researchgate.net/publication/340452851_COVID-19_e_Desigualdade_no_Brasil. Acesso em 19 jun. 2020.

RAUPP, Luciane; ADORNO, Rubens de CF. Uso de crack na cidade de São Paulo/Brasil. **Toxicodependências**, v. 16, n. 2, p. 29-37, 2010.

ROTHAN, H. A.; BYRAREDDY, S. N. The epidemiology and pathogenesis of coronavirus disease (COVID-19) outbreak. **Journal of Autoimmunity**, p. 102433, 2020.

SÁ, Laís Carvalho de et al. Soroprevalência da Hepatite C e fatores associados em usuários de crack. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 21, n. 6, p. 1195-1202, 2013.

SILVEIRA, Geisabel Lima; RODRIGUES, Luzania Barreto. O consumo de substâncias psicoativas e o autocuidado entre pessoas em situação de rua na cidade de Juazeiro-BA. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 2, n. 1, 2013.

TEIXEIRA, M. B.; LACERDA, A.; & RIBEIRO, J. M. Potencialidades e desafios de uma política pública intersetorial em drogas: o Programa "De Braços Abertos" de São Paulo, Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, 28, 2018.

ZEFERINO, Maria Terezinha et al. Semelhanças e contrastes nos padrões de uso de crack em Santa Catarina, Brasil: capital vs Meio Oeste. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 97-106, 2017.

ZINBERG, Norman E. **Drug, set, and setting: The basis for controlled intoxicant use**. New Haven: Yale University Press, 1984.